

Subsídios para a História do Cinema em São Paulo

O primeiro cinema permanente: 4 de abril de 1907 — Filmes principais — Um filho de Jorge Tibiriçá no elenco de "Jóia Maldita", de 1919 — Um dia nos arquivos de Ademar Gonzaga o criador da "Cinédia" — Júlio e Florentino Llorente; Paulo Sá Pinto — 166 cinemas na capital, em 1956, com a freqüência de 58.473.769 espectadores — O paulistano vai ao cinema, em média, vinte vezes por ano

(Texto de MUCIO P. FERREIRA)

Também a história do cinema em São Paulo tem os seus bandeirantes. Foram eles os iniciadores e a elas se devem as primeiras realizações no domínio do cinema em terras paulistas. Embora não possuissem nem dispusessem de aparelhos e instrumentos que lhe possibilitassem grandes recursos, conseguiram, para a época em que viveram, notáveis feitos.

notáveis feitos.
E' preciso não nos esquecermos desses homens que, dispondo apenas de boa-vontade, de muito amor à arte e da quase nenhuma dinheir, lançaram a semente do que se pode hoje chamar indústria cinematográfica paulista. Menos pretensiosos, valendo-se de instalações primitivas e diminutas, sem "apoteoses mentais" de astros, estrelas e "gênios", o cinema nasceu vivo e produziu apesar de todas as lutas — e talvez mesmo por causa delas — de todas as dificuldades, de todo o ceticismo. Sem a intenção de fazer filmes para figurar nas cinematográficas, sem pretender abalar a crítica mundial, consagravam-se com amor ao trabalho, com idealismo e sentimento. Hoje, todavia, muito poucos são os que lhes sabem os nomes. Suas fitas perderam-se por aí; seus esforços ficaram no esquecimento.

"Estes filmes, feitos em gêneros, sem recursos técnicos, sem experiências, parece que são mais interessantes do que a maioria saída dos aparelhos estúdios nacionais e dirigidos por italianos de larga experiência como terceiro-assistente dos assistentes de Rossellini e Lattuada", frisou Renato Bittencourt em reportagem publicada quando da realização do I Festival International de Cinema, havido em São Paulo em janeiro de 1954.

Paulo em janeiro de 1954.
Nossa intenção é contar aos leitores do "JORNAL DO COMÉRCIO" — neste caderno dedicado a São Paulo — algo do passado do cinema paulista, sem, contudo, desejarmos escrever história — quando muito, subsíditos para uma história que precisa e deve ser escrita um dia: do cinema em São Paulo.

PROCURANDO ARQUIVOS

Há, no Brasil, poucas pessoas que se dedicam à conservação de documentos referentes ao cinema. Uma delas — e talvez a mais cuidadosa, apaixonada e competente — é Ademar Gonçalves. São ele, em São Paulo, quem dizer-nos alguma coisa, fornecer dados e dar permissão para pesquisarmos seus normais arquivos, que são o resultado de anos — de vida uma anteira, quase diríamos — de paciente e perseverante trabalho.

Fomos localizar Ademar Gonçaga em agradável casa na Estrada Velha de Santo Amaro. Recebeu-nos a dona, que conserva na fisionomia os traços da ovalidade e as linhas da beleza. Pouco depois, descia o dono. Afável, simpático, bem brasileiro no todo e nas maneiras. Simples como o sabem ser os grandes homens. Seu nome, muita gente sabe, mas não muitos conhecem pessoalmente. Sua casa é toda, inteirinha um arquivo de cinema (brasileiro, de modo particular). Estantes abarrotadas de livros, de coleções encadernadas de antigas revistas, gavetas e mais gavetas cheias de cartas, fotografias, recortes, notações; pastas e mais pastas (todas bem volumosas) cronologicamente organizadas que contam toda a história do cinema

Ela, Janaina Fronzi.

Ela. Ionanda Fronzi.
Ele: Ademar Gonzaga.

ADEMAR GONZAGA

"E' o Bóba Gato do cinema
nacional, como já disse alguém.

O pai de Ademar, já em 1903, financiau produtores cinematográficos no Rio de Janeiro. Ademar, que nasceu em 1891, desde que se entende por gente, gosta de cinema. Menino ainda, não saia das cabinas, onde "cortava quadrinhos" e ia juntando fotografias, programas, revistas etc. Em 1914, ao ser internado num colégio, sua mãe jogou fora todo o seu arquivô. Ele chorou muito

o seu arquivo. Ele chorou muito — conta — e até hoje lamenta o que se perdeu. Entrou para a Escola Politécnica, abandonando-a pouco depois para fazer a seção de cinema no "Rio Jornal". Escrava para "Palcos e Palés" e "Paratodos", sempre sobre cinema. Em 1927 fundou a revista "Cinearte", verdadeiro repertório da história do cinema nacional. Esteve várias vezes nos Estados Unidos, tendo convivido com Chaplin e numerosos astros. Deste período guarda incontáveis fotografias, em companhia de verdadeiros artistas, com amistosas dedicatórias. Fundou a "Cinédia", que apresentou em 1929 "Barro Humano", primeira fita feita e dirigida a seu gosto. Custou 5 contos e rendeu cerca de 300 contos. Exibida no antigo "República", desta Capital, foi vivamente aplaudida pela assistência, que se pôs de pé. Em 1931, fez "Lábios Sem Beijos" e lutou durante vinte anos, sem apoio oficial, a sem bancos, a sem encenação. Em 1951, vendeu a "Cinédia", e mudou-se para São Paulo. E aqui, terra de que tanto gosta, pretende produzir "cinema paulista à moda carioca", segundo sua própria expressão. Um batalhador, um homem que vive para e pelo cinema brasileiro, de modo honesto, sem attitudes ridículas, sem autopropaganda.

PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES
PAULISTA

Em 1903, fizeram-se em São Paulo os primeiros documentários. Um era sobre a Rua Direita, com seus prédios e movimento. O segundo, sobre uma Procissão. Essa é a mais remota manifestação do cinema em São Paulo. Quatro anos mais tarde — antes do Serrador — houve a iniciativa de um operador francês, que filmou quadros numa revista de teatro, exibidos, com grande êxito, no Rio. Em 1908, Francisco Serrador — que viera do Paraná — apresentou filmes fa-

mitivo: os próprios atores, munidos de megafones, iam para trás da tela e diziam os diálogos. Essa apresentação foi feita no "Eijou". Um dos principais artistas era Santiago Pepe (irmão do Raul Roulien). De 1908 a 1915, produziram-se documentários e reportagens sobre a vida da cidade. Não podemos, por essa época, esquecer os nomes de Alberto Botelho, Antônio Botelho e Antônio Campos. Esses três realizaram grande série de reportagens e documentários, que, se tivessem sido guardados, constituiriam, hoje, preciosíssima fonte para conhecimento da técnica e seriam de grande valor para uma retrospectiva. Daí o valor de uma cinemateca.

Voltaremos, porém, ao século passado para sabermos que, em 1897, no "Salão da Paulicéia" se acena va exposto o "Vitascope", um aparelho individual em que corriam alguns centímetros de fita, movimentando as figuras. Era uma espécie do "nickel-odeon" que tanto furor causava em Nova York. Em 1898, foi apresentado um aparelho chamado "Diafonor universal, em combinação com o celebre cinematógrafo", no Teatro Apolo. O programa, que anuncjava a fita "A Penúltima Noite das Maravilhas", foi trazido a São Paulo pelo professor Nicolai. Já em 1900, num local existente na praça da República, chamado "Montanhas Russas", houve também exibição de cinema. Eram tódias ambulantes, todavia. Hoje estavam aqui e amanhã já seguiam seu rumo. O primeiro cinema não (com hoje os temos), permanente, mesmo antes do "Bijou", foi o "Santana", na rua Boa Vista. A primeira exibição nessa casa (que depois se mudou para a rua 24 de Maio) se verificou no dia 4 de Abril de 1907, um pouco antes do "Parisense", do Rio de Janeiro. Isto quer dizer que da 4 de abril de 1907, um pou manente, antes do Rio. Algumas

meses, antes.
Retornemos a 1916. Nesse ano, Capelaro e Georgina Marchiani, sob a direção de Antônio Campos, realizaram a primeira versão de «O Guarani». Capelaro fez o papel de Perl e, Marchiani, o de Ceci. De «O Guarani» fizeram-se, em toda a história do cinema no Brasil, cinco versões. Esta, porém, foi a primeira.

1917 foi o ano de ouro para o cinema paulista. O que se realizou nascuile ano — qualquer coisa

nos naquem uns e qualquer cor-

foi feito posteriormente — na
atualidade. O cinema tomou ver-
dadeiro impulso e tudo parecia
indicar que nunca mais baixaria.
A história, porém, se repetiu e
com impressionante freqüência.
Mas já aquela época existiam os
mesmos problemas que afixaram o
cinema da nossos dias. Não se
aprendeu a lição, portanto. As
dificuldades todas do cinema na-
cional sempre residiram na dis-
tribuição e exibição e o produ-
tor via-se desamparado, sózinho.
De nada valeu essa «experiência»
para os produtores de hoje. Ain-
da não aprenderam que há ne-
cessidade de se tornarem eles
mesmos distribuidores e exhibido-
res. E enquanto essa questão não
se resolver, o cinema nacional
lutará praticamente em vão para
subsistir.

Enfim, apesar de todas as circunstâncias adversas, em 1917 realizararam «O Grito do Ipiranga», pelos irmãos Lamberlin, tendo Antônio Campos como fotógrafo. O filme foi estreado no dia 22 de junho de 1917. E para aproveitar o guarda-roupa, fez-se mais uma fita intitulada «Heróis Brasileiros na Guerra do Paraguai» ou (muito ao saber da época) «A Morte Gloriosa do Tenente Iolos».

Sob a orientação de Olavo Biac, tendo como «cameramen» João Stamato, e com a colaboração do Exército aquartelado na Região Militar, realizou-se uma fita em cinco partes. Era produção da Pauhista Filme e chamava-se «Pátria e Bandeira». Ainda não disse ano de 1917: «Estreladas», com Georgina Marchiani, dirigida por seu marido Guelph Andaló. Um grande documentário, em seis partes chamado «As Grandes Manobras do Campo de São Bernardo», considerado de valor; «Tiradentes», por Paulo Alliano; «A Menina da Paz», filmado por norte-americanos que fugiram com a fita pronta, havendo indicações de ter sido exibida com muito sucesso nos Estados Unidos. Iolanda Fronzi (mãe de Renata, esposa de César Ladeira), nessa época

considerada "menina prodígio", interpretou o papel principal: «O Dioguinhos», ainda com Georgina Marchiani, era uma espécie de «O Cangaceiros». Releva notar que os temas eram sempre bem brasileiros, não havendo enredos que se poderiam desenrolar, com a mesma indiferença, tanto na Conchinchina como no arquipélago Marshall, como hoje acontece com

O ano de 1912 já não foi tão fértil em realizações. Ainda assim, «A Desforra do Tira-Provas», comédia, foi a primeira fita de Antônio Campos sózinho. Dessa aí, também «O Curandero», baseado num livro de Cornelio Pires, tendo como principal ator Sebastião Arruda. Só havia paulistas e bons paulistas no cinema. Ademar Gonzaga mostra-nos, com data de 19 de julho de 1917, uma carta de um exibidor de Tatui, dirigida a Antônio Campos. Nesse documento, é-lhe comunicada a renda de uma sua fita exibida naquela cidade, acrescentando que, «em consequência da forte chuva de anteontem, a renda do espetáculo não ultrapassou de oitenta mil réis, dos quais lhe remetemos quarenta, isto é, cinqüenta por cento». Seguiam-se comentários sobre o filme, terminando o misérvista por cumprimentar Antônio Campos pela esplêndida nitidez da fotografia e trabalho de laboratório. Quarenta mil réis a renda de uma noite para o produtor...

A fita mais importante de 1919 foi «O Garimpeiro», de Vitor Ca-
nellarco e Lúcia Tibúrcio.

Em 1920 houve «Crime de Cravinhos», baseado no crime da chamada «rainha do café». Constituiu o maior sucesso da época, tendo havido necessidade de piquetes de cavalaria para deter o público defronte do cinema que o exibia. Este filme foi, porém, pouco depois proibido e mais tarde liberado. Era uma produção da Rossi & Carrara, da São Paulo Natural Filmes. Surgiu também «A Jóia Maldita», filme de estréia do ator e diretor Antônio Tibiriçá, filho de Jorge Tibiriçá, presidente do Estado. Evidencia-se, assim, que elementos da sociedade participavam da realização de filmes, quer como diretores, quer como intérpretes. Ainda desse ano, «Os Faroleiros», baseado numa história de Monteiro Lobato, dirigido pelo professor Miguel Milano e fotografado por Antônio Campos. O professor Miguel Milano dirigiu,

também, vários outros filmes. 1921: Surge José Medina que hoje está praticamente esquecido. Ademar Gonzaga gostaria de saber por que nossas companhias de cinema — que importam tanta gente — e da televisão ainda não se lembraram de convidar José Medina para trabalhar. Estudou nos Estados

(Conclui na 8^a página)

(Conclusão da 1ª página)

Unidos e é grande tecnicismo em continuidade. Medina fez "O Caritativo", "O Exemplo Regenerador", "Perversidade" e "Como Deus Castiga". Tivemos, também, "Sonho e Realidade". E a não ser São Paulo, apenas Minas Gerais produziu cinema nesse ano.

Em 1922, Medina continuava com "Culpa dos Outros", "Prédio que Regenera" e "De São Paulo ao Rio para Casar", segundo roteiro de Joaquim Canuto Mendes de Almeida. Também aconteceu como no ano anterior: a não ser "Canção da Primavera" produzida em Minas Gerais, nenhum outro Estado trabalhou com cinema em 1922. O êxito desse ano foi "O Roubo dos Quinhentos Contos", produzido por Carrari, com alunos da Escola Cinematográfica "Azzurri". Essa história foi baseada no roubo havido no Banco Italiano de Descontos.

Em 1923, o diretor Amílcar Alves, antecipando-se ao surto do cinema campineiro, produziu "João da Mata". Armando Pampiona, no ano seguinte, apresentava uma grande reportagem intitulada "Canção do Aphanhanda". A Rossi Filme, sob a direção de J. Cipriano, lançou "O Segredo do Corcunda", mas o grande sucesso daquele ano foi "O Trem da Morte", que contava façanhas do tenente Cabanas.

1925 foi outro ano feliz para o cinema paulista em geral. Data de então a fase campineira. Foram tão numerosas as produções, que as podemos citar todas. Enumeraremos algumas apenas: "Sofrer para Gorar", "Carne", "Alma Gentil". Na Capital paulista: "Passai Toda a Vida em Sonho", de Jaime Redondo, falecido em 1953, sem um único registro na imprensa pelo muito que trabalhou em prol do cinema paulistano. Nasceu nesse ano a "Vitoria Filme", devido aos esforços do industrial Adalberto Fagundes. Montou grandes se-

túdios para a época, pretendendo produzir muito. A fita mais importante do ano foi "Quando Elas Querem".

Duas comédias foram feitas em São Paulo em 1926: "Filmando Fitas" e "Tio e Sobrinho". Nesse ano, coube a São Paulo o primeiro prêmio nacional instituído pela revista "Cinearte". Recebeu "Fogo de Palha", de Jaime Redondo, escrita e dirigida por Joaquim Canuto Mendes de Almeida. Capelaro produziu a segunda versão de "O Guarani". Em Itatiba, "Honradez e Criminalidade" não foi concluída por causa da polícia. É uma longa história essa. Ainda desse ano foi "Vício e Deleza".

Em 1927, a Vitoria Filme de São Paulo apresentou "O Descrente". Nesse ano, Ademar Gonzaga fez a primeira viagem aos Estados Unidos.

Duas fitas sobre o famoso "Crime da Malá" apareceram em 1928. Também foi lançada "Morfina". Houve, ainda, uma experiência não exibida, "Orgulho da Mocidade". Data desse ano "São Paulo, Sinfonia de uma Metrópole".

1929 foi o ano em que surgiu o sistema "vitafone" que o público batizou logo de "tapiófone". Nesse ano: "Fragmentos da Vida", de Medina; "O Trânsito", de José Pedro; "Acabaram-sa os Otários"; "Enquanto São Paulo Dorme", da Vitoria Filme. Os introdutores do "vitafone" foram José Del Picchia e Luís (Lulu) de Barros. A mais importante produção do ano foi "Escrava Isaura", dirigida por Marques Filho. Nessa fita, Tito Battini trabalhou com o nome de Carlos de Avelar, interpretando o papel do "dr. Geraldo".

Aquiles Tartari apresentou "O Piloto nº 13", em 1930. Dessa ano ainda: "Mistério do Domínio Preto"; "As Armas", de Otávio Gabus Mendes, filme em que Caio Schelby (a quem se deve em grande parte o enriquecimento da Cinemateca Brasileira do Museu de Arte Moderna e a reunião das Retrospectivas da Cinema Brasileiro em São Paulo) trabalhou; "Rosas de Nossa Senhora" e "Eufémia".

Em 1931, Del Picchia e Genésio Arruda lançaram "O Campeão de Futebol", com azes da peleja como Artur Friedenreich, "Anchieta entre o Amor e a Reli-

gião", "Mocidade Inconsciente", de Caetano Mattanó; "Alvorada de Glória", de Del Picchia; "Casa de Caboclo"; "O Campeão", com Reide Valentino, o "boxeur", que também trabalhou em outras fitas; "Babão", de Genésio Arruda e "Iracema", da Metrópole Filme, que talvez tenha sido o maior filme paulista da época do silêncio. Infelizmente, apesar de todos os esforços dos organizadores da II Retrospectiva realizada em 1954, não lhes foi possível localizar esse "Iracema". Houve ainda "Coisas Nossas" (vitafone) da Byington. São Paulo predominou nesse 1931, pois a par dessas e de outros filmes de longa metragem, não parou a produção de documentários e jornais. Estava bem próxima, porém, a estagnação.

No ano da Revolução Constitucionalista, 1932, surgiram dezenas de documentários, cuja maioria está perdida por ai. Os filmes de longa metragem desse ano são: "Canção da Primavera", dirigido por Fábio Cintra, e "A Fera da Mata", paródia de "A Fera do Mar", o grande êxito norte-americano desse ano.

A última fita da época do silêncio — que não mais poderia lutar contra o falado — foi "O Caçador de Diamantes", de 1933, de Capelaro.

Em 1934, houve uma iniciativa, não falada, de José Pedro. Não conseguiu, porém, terminá-la. Não havia lugar para o silencioso, quando o falado dominava de modo absoluto.

1935 marca a introdução do sistema "movietone" (gravação de som no próprio filme) no cinema paulista. Foi Capelaro, com "Fazendo Fita", carnavalesco.

E o cinema de São Paulo passou pela fase da não-produção. Durante cerca de dez anos houve outra fita, embora os filmes de curta metragem (documentários e jornais) não sofressem solução de continuidade. Em 1930, apenas "Amor Predominante" (1931), nada de longa metragem; 1933, só a "Cinedia" produzida no Brasil, apresentando quatro filmes. Em 1939 e 1940, nenhuma longa metragem saiu de São Paulo. Em 1941, houve uma pretenso tentativa. Em 1942, o Brasil todo só apresentou duas fitas produzidas dentro de suas fronteiras. Uma dessas foi "Argila" da dedicada Carmen Santos. No ano imediato, São Paulo nada fiz no setor da indústria cinematográfica. O mesmo se verificou em 1944, 1945 (quando a "Cinedia" e a "Atiândida" trabalhavam). Em 1947, "O Palha-

co Atormentado", da Rossi Filme, com Genésio Arruda. Nesse ano, surgiu a primeira reportagem de "Bandeirantes do Oeste". 1948 também nada trouxe. Em 1949, Oduvaldo Viana dirige "Quase no Céu". Aparece no cenário cinematográfico de São Paulo Mario Civelli, que numa conferência do Clube de Cinema de São Paulo (na sala de exibições do antigo Departamento Estadual de Informações, na rua Antônio de Godoi), revelava pouco ou quase nada sobre de cinema. Apesar disso, tivemos "Luar do Sertão", de Tito Battini.

Foi nesse mesmo 1949 que chegou Alberto Cavalcanti, abrindo novas perspectivas para a indústria cinematográfica indígena. Não há dúvida de que foi o regresso de Alberto Cavalcanti que tornou possível o só erguimento do cinema. Com sua longa experiência na França e Inglaterra, com profundos conhecimentos da arte cinematográfica, citado por todos as antologias, elogiado por todos os grandes críticos da Europa, Alberto Cavalcanti passou a representar uma esperança para o cinema nacional. Organizou-se, então, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Pouco depois, surgiram Maristeia, Multifilmes e outras companhias proliferaram desde então. Nem todas com as devidas credenciais para tornar o cinema brasileiro, e paulista principalmente, uma indústria com bases seguras.

Em 1951 são lançados "A Vida é uma Gargalhada", com Arrolla, e "Caicara", produzida por Alberto Cavalcanti e dirigido por Adolfo Celli. Inicia-se a fase do cinema paulista dirigido por estrangeiros que mal nos conhecem os costumes, os sistemas de vida, a psicologia, mas escrevem histórias, dirigem e fazem o que bem entendem. Os temas são internacionais (com algumas exceções e tanto podem ser filmados na Pérsia como na Patagônia). De então para cá, todos se lembram. Tivemos em 1951: "Câncer nas Semoras", "Terra é sempre Terra", "Presença de Anita", "Liana, a Fecadora", "Suzana e o Presidente", "Angela", "O Comprador de Fazendas", "O Tigre" (produzida em Santos) e "Alameda da Saudade", "Alameda da Saudade".

Em 1952: "Meu Destino é Paçap", "Colar de Coral", "Tibó-Tico no Fuba", "Conflito", "A Carnê", "Sal da Frente", "Módelo 19", "Areião" (a vergonha do Brasil, num Festival), "Appassionata", "Nadando em Dinhéiro", "Sinho, o Cachorro" (de Cavalcanti, a fita mais típica de São Paulo), "Veneno", "João Gangorra".

Em 1953 tivemos: "O Cangaceiro" (de Lima Barreto, premiado em Veneza), "Uma Pulga na Balança", "Sinhá Moça", "Esquina da Ilusão", "O Homem dos Papagaios", "Custa Pouco a Felicidade", "O Saci", "Família Lero-Lero", "O Canto do Mar" (de Cavalcanti), "Destino em Apuros" (ansicolor), "Vida para Dois", "Fatalidade", "Cais dos Vícios" e "Sombra e Água Fresca".

De 1954 em diante, deixamos a cargo do leitor, pois são muito recentes as fitas até agora produzidas em São Paulo.

ESTIMULOS

O Governo do Estado, quando governador o prof. Lucas Nogueira Garcez, instituiu prêmios em dinheiro para as fitas produzidas em São Paulo. Depois, o sr. Janio Quadros revogou a lei e, mais tarde, dando-lhe nova feição, recriou os prêmios. A Prefeitura Municipal também adotou o critério de prêmios em dinheiro e o Banco do Estado de São Paulo decidiu financeirar os produtos até determinado limite garantindo-se com as rendas auferidas. Penso que alguns contemplados sejam juízes em causa própria. O jornal "O Estado de São Paulo", tendo em mira criar um elemento de estimulo e de recompensa a quantos, nos mais diversos setores de cinematografia, vêm contribuindo para seu desenvolvimento entre nós, instituiu o "Saci", prêmio que vem sendo conferido anualmente desde 1951.

CINEMAS EM SAO PAULO

A capital de São Paulo conta, atualmente, 165 cinemas, segundo dados estatísticos colhidos pelo Série de Estatísticas Fisiográficas, Sociais e Culturais da Divisão de Estatísticas Fiscais, Sociais e Culturais do Departamento de Estatística do Estado, referentes ao ano de 1956.

São, sem dúvida, as casas exibidoras mais luxuosas de todo o Brasil. Para este ano de 1957, aguarda-se a inauguração de mais duas: o cine "Palassandu", situado ao largo do mesmo nome, e o "Boulevard" (antigo cine "Paratodos"). Para breve haverá o "Lido". Duns são as maiores companhias exibidoras: "Serrador", que compreende 49 casas em atividade (incluindo-se as associadas) e mais duas para dentro em pouco. Essa Companhia, o maior circuito urbano do Brasil, é presidida pelo sr. Juilio Llorente e seu diretor-geral

José Florentino Llorente. Sendo, portanto, 51 casas, bem aparelhadas pelo centro e bairros de São Paulo. A outra grande companhia é a "Sul", associada à "Paulista". Ambas controlam 28 cinemas atualmente, sob a liderança do incautável Paulo de Sá Pinto, que teve a iniciativa das grandes novidades: cinematóscopo, telas gigantescas etc. Atualmente, a Companhia de Julio e Florentino Llorente e a de Paulo de Sá Pinto vêm-se dedicando também à produção de filmes, estabelecendo nova forma de associação, a mais aconselhável e oportuna: fundirem-se nos mesmos interesses o produtor e o exibidor. Só terá, com isso, a lucrar o cinema paulista.

De acordo com os referidos dados estatísticos, os 165 cinemas existentes na capital em 1956 realizaram 133.225 sessões, com o comparecimento total de 55.472.729 espectadores. Arredondando-se os números, foram 300 cinemas, no ano findo, sessenta milhões de paulistanos. Considerando-se que a população da capital é de três milhões de habitantes, verifica-se que, em média, cada cidadão paulistano vai ao cinema vinte vezes por ano, gastando, per capita, quinhentos cruzeiros anualmente só nessa diversão.

No interior do Estado, há 573 cinemas e a freqüência foi de 46.961.193 espectadores para as 184.619 sessões realizadas no decorrer do ano de 1956.

SUPERADA A CRISE

Não mais se pode dizer estar o cinema paulista em crise. Os estudos da Vera e os da Marseta não param, praticamente. Estão sempre ocupados por equipes que trabalham sem cessar. A Companhia Cinematográfica Vera Cruz, como produtora, morreu de indigestão; hoje aluga os estúdios de São Bernardo do Campo.

São Paulo já apresentou, em 1957, filmes em "eastman-color" e até em cinematóscopo. Produções ruins, para tanto processo e colorido.

FINALIZANDO

Não pretendemos, de inicio fazer a história do cinema de São Paulo. Nosso propósito era apenas anotar subsídios e o pouco que conseguimos e devemos a esse dedicado Ademar G. Agnaga. A ele, portanto, agradeço o leitor que ficou cogitando dos primórdios do cinema em São Paulo.